

turali (122 sgg.), al fenomeno della romanizzazione (164 sgg.), al latino volgare (170 sgg.), al sostrato (194 sgg.) e, infine, alle varietà romanze, nelle loro svariate caratteristiche e successive differenziazioni (256 sgg.).

Scritto in modo brillante, anche se qua e là risente l'impaccio della resa in olandese d'una terminologia forse ancora inconsueta, il lavoro s'impone immediatamente per la chiarezza colla quale l'A. riesce a far rivivere al lettore i problemi in apparenza più astrusi per i non specialisti e per la scelta felice dell'abbondante materiale esemplificativo, alieno, sempre che le circostanze glielo consentano, dalla pedante tradizionale aridità enumerativa, a favore d'un tipo di ristretta monografia che conferisce, anche ai problemi più battuti, una certa aria di originalità, a parte la nuova efficacia dell'esemplificazione: si vedano, per citare un caso qualunque, le voci it. *bosco* e *selva* (p. 73), con cui l'A. riesce facilmente a far vedere al profano come, coi soli dati sincronici degli atlanti linguistici, non sia possibile raggiungere una conveniente visione stratigrafica di due fasi in conflitto senza un'opportuna integrazione cogli indizi che il metodo geolinguistico può fornire.

A proposito della "ruimtelinguistiek" (linguistica spaziale) e delle "ruimtenormen" (norme areali) di Bartoli, su cui il Vidos s'intrattiene sinteticamente a p. 74 sgg., non sarebbe stato inopportuno accennare alle riserve sollevate dal Pisani in *Geolinguistica e Indeuropo* (Mem. della Reale Accademia Nazionale dei Lincei, serie VI, vol. IX, fasc. II, 1939), p. 262 sgg., dato il carattere troppo meccanico, come lo stesso Vidos non manca di riconoscere, della formulazione bartoliana. Varrà, d'altro lato, la pena di continuare a tramandare religiosamente il lat. *casa* come "niewwere phase" per rispetto al tipo lat. *domus* (p. 75), quando tutto induce ora a ritenerlo un termine connesso colla civiltà danubiana (cfr. ungh. *ház* 'casa')?

Faccio voto che il Vidos possa, quanto prima, preparare una nuova edizione del suo *Handboek*, ma in una lingua accessibile alla maggioranza degli studenti universitari non olandesi.

VINCENZO COCCO

**Homenaje a Fritz Krüger.** Universidad Nacional de Cuyo — Facultad de Filosofía y Letras. Mendoza, vol. I, 1952, xxx + 464 pp.; vol. II, 1954, 690 pp.

Por ocasião do seu 60.º aniversário, ocorrido em 1949, resolveu a Universidade de Mendoza (Argentina) prestar justa e expressiva homenagem ao Prof. Dr. Fritz Krüger, que ensina no Instituto de Linguística daquela Universidade e que anteriormente tanto havia prestigiado o Seminário de Línguas e Civilização Românicas da Universidade de Hamburgo (onde teve a honra e o proveito de ser seu discípulo) (1) e que brilhante-

(1) Devido a ocupações absorventes do ensino e da direcção da *Revista Portuguesa de Filologia*, que pouco antes (1947) criara, não me

mente dirigiu durante 16 anos a revista *Volkstum und Kultur der Romanen* e respectivos suplementos («Hamburger Studien»).

Nas calorosas palavras de apresentação do primeiro volume da *Homenaje*, escreve o Reitor da Universidade de Mendoza: «Es este volumen — al que seguirá un segundo tomo — el justificado homenaje que nuestra Universidad y con ella, eminentes especialistas del mundo americano y europeo ofrecen, en el sexagésimo año de su vida, al que, infatigable, dedicó y sigue dedicando sus inquietudes y su profundo saber a una labor que, innovadora y portentosa en sus alcances y resultados, puede considerarse definitiva para el progreso de la lingüística y el folklore de los pueblos románicos.

Con sumo orgullo, la Universidad Nacional de Cuyo cuenta al Prof. Krüger entre los suyos. A través de su actuación científica y docente no solamente admira en él al hombre, al humanista siempre abierto a las preocupaciones y necesidades de sus colegas y alumnos, sino al incansable trabajador, al sabio que transmitió a la ciencia el mensaje de su autenticidad fecunda.»

A invulgar actividade investigadora deste professor, um dos mais distintos hispanistas do mundo inteiro, está bem patente na «bibliografía de las publicaciones de F. Krüger», organizada por Olbrich e que abrange, até 1952, nada menos de 362 números.

Nos dois volumes que constituem a miscelânea, reuniram-se valiosos artigos de carácter linguístico, etnográfico-folclórico e literário, devidos à pena de 60 colaboradores, alguns dos quais se ocupam de assuntos portugueses. (Paiva Boléo).

O volume I contém os seguintes artigos (1).

1. GINO BOTTIGLIONI, *Accento, anaptissi e sincope vocalica nell'antico italico*, pp. 1-7 — O A. é de opinião que o acento itálico não devia ser muito diferente do acento do latim arcaico, facto provado pela frequência das vogais longas na primeira sílaba da palavra e pela síncope vocálica que se verifica muitas vezes na penúltima e na antepenúltima sílabas. Faz depois algumas considerações sobre a anaptixe e a síncope vocálica e conclui que, «ao passo que no latim a métrica quantitativa e o trissilabismo na lei da penúltima, em face da síncope vocálica verificada em determinadas circunstâncias, demonstram que o carácter do acento arcaico se modificara progressivamente com o prevalecer da quantidade vocálica, nenhum facto seguro aparece nos documentos itálicos que nos autorize a pensar numa evolução análoga».

2. ANTÓNIO TOVAR, *Sobre la cronología de la sonorización y caída*

foi possível mandar a minha contribuição para a miscelânea. Já tinha, no entanto, prestado a minha homenagem àquele professor alemão nas palavras que, sob a epígrafe «A obra científica do Prof. Krüger», publiquei na revista *Biblos*, vol. XVII, tomo II, 1941, pp. 750-758.

(1) Os artigos em alemão foram resumidos por P. B.

de intervocálicas en la Romania occidental, pp. 9-15 — O A. começa por mostrar a grande importância dos substratos neste género de estudos, sobretudo os substratos onomásticos. Apresenta depois exemplos dotados de guturais e dentais sonorizadas, sublinhando que apenas encontrou um caso de sonorização de labiais, a palavra *lebra* numa inscrição visigoda. Conclui que, se temos testemunhos seguros de dentais sonorizadas desde o séc. I, e de guturais, pelo menos desde o séc. II, a diferença em relação ao aparecimento das labiais sonorizadas é de quatro séculos.

3. ERNST GAMILLSCHG, *Germanisches im Französischen*, pp. 17-40. — O A. ocupa-se neste artigo de três categorias de palavras: palavras importadas do frâncico e de larga divulgação; palavras muito cedo romanizadas e restritas a um pequeno círculo e, finalmente, relictos da época de desaparecimento do frâncico no domínio galo-românico.

São os seguintes os vocábulos estudados: do francês antigo: *brehaing, brehant, brohan, escharir, estiere, gâche, haire, tacte, tai, esnaie, senaut, warat, maginois, holier, hort, herle, hermu, escoli, enheudir, fai-medroit, ferton, rause, tiaus, coisel, deite, ostrevant*; do francês: *suage, taudis*; do normando: *étibot, étibos*. (P. B.).

4. MANUEL ALVAR, *El imperfecto "iba" en español*, pp. 41-45 — Depois de notar que a manutenção do *b* na forma *iba* não é normal em espanhol, o A. verifica que tal facto é devido a duas causas principais: evitar a confusão homonímica com uma forma *ía* (< (HAB)E(B)AM), atestada em vários dialectos, sobretudo em aragonês, e dar maior amplitude fonética a um tempo de um verbo independente.

5. ALWIN KUHN, *Zu den Flurnamen Hocharagons*, pp. 47-56. — Confirmando a observação de Elcock no artigo «Toponímia menor en el Alto Aragón»<sup>(1)</sup> de que os nomes de sítios constituem uma mina preciosa para o conhecimento de antigas condições dialectais hispânicas nas suas relações com dialectos italianos, A. Kuhn apresenta uma série de nomes de sítios do Alto-Aragão. (P. B.).

6. A. ZAMORA VICENTE, *La frontera de la gada*, pp. 57-72 — O A. estuda um fenómeno vulgar do falar galego, a que tradicionalmente se chama *gada*, e que consiste na pronúncia da velar sonora *g*, como velar surda fricativa, equivalente ao *j* castelhano. Perante dados recolhidos por ele próprio, e provenientes de informações, conclui: que os dados relativos ao fenómeno coincidem em dois aspectos, a consideração de vulgarismo e a indeterminação geográfica; que foneticamente, a articulação do *g* característico apresenta vários matizes; que os exemplos do fenómeno se concentram com decidida uniformidade nas rias galegas; Pontevedra e Corunha são as mais constantes e à volta dos lugares de maior movimento comercial e cultural ouve-se em menor número de casos. Quanto à explicação histórica desta fronteira, o A. é de opinião que ela é a prova da penetração na Galiza dos povos ástures e que o fenómeno da *gada* deve interpretar-se como mais uma manifestação do primitivismo da cultura e

(1) Ver a recensão de J. PIEL na *R. P. F.*, vol. III, 1949-50, p. 361.

língua rurais do NW hispânico, correspondendo, a um antiquíssimo substrato, provavelmente pre-indoeuropeu. O artigo apresenta quatro mapas e a lista das povoações exploradas (1).

7. HANS FLASCHE, *Die syntaktischen Leistungen des "que" in der Prosa Antonio Vieiras*, pp. 73-100. — Interpretação dos cambiantes sintácticos e estilísticos do *que*, como conjunção e pronome relativo, nos «Sermões» do P.<sup>o</sup> António Vieira. Exemplos: «Vive Deus, *que* não hei-de dizer outra coisa, senão o que o mesmo Deus me inspirar e o que entender em minha consciência» — «Vêde o nosso Santo António, *que* pouco o pôde enganar o mundo com essas vaidades» (P. B.).

8. JOSÉ MIGUEL DE BARANDIARIÁN, *Contribución al estudio de la mitología vasca*, pp. 101-136 — Depois de nos dar uma ideia da importância do povo basco e das suas características étnicas, o A. menciona as fontes de que dispomos para o seu estudo: referências de autores antigos, inscrições e sobretudo o conhecimento das lendas, superstições e tradições actuais. Estuda depois o culto do *etxe*, a casa, que servia de habitação, templo e cemitério, suporte material, símbolo e centro comum dos membros vivos e defuntos duma família; o culto dos mortos e o papel da mulher como ministro desse culto; a figura mitológica de *Mari*, suas designações, figuras que reveste, suas moradas, família, atributos, culto que lhe é prestado e castigos que dá. Outras figuras mitológicas estudadas são o *Akerbeltz* (bode negro), o *Erensuge* (génio subterrâneo em forma de serpente), o númen solar, com as suas crenças, ritos e símbolos, a lua e suas influências. No cume de todas estas crenças e mitos está *Urcia*, *Ortzia* ou *Ostria*, a divindade celeste. O artigo termina pelo estudo da influência do cristianismo na mitologia basca.

9. JOAN AMADES, *Termes sense significat*, pp. 137-173 — O artigo versa o estudo de grande número de palavras, cujo valor nos é desconhecido e que nada significam na linguagem actual, palavras essas que aparecem sobretudo na poesia popular catalã, em especial na canção. Através de abundantíssimos exemplos, o A. põe em evidência o valor de certos sons, como o *r* e o *l*. estuda a sua origem e a sua importância.

10. J. LORENZO FERNÁNDEZ, *Cierres de fincas en el SE de Orense (Galicia)*, pp. 175-185 — Nas vedações de propriedades rurais de Orense o A. vê duas finalidades principais: marcar os limites e evitar a confusão, e impedir o acesso das pessoas ou dos animais. No primeiro caso são muito mais simples, embora de grande importância jurídica; no segundo, apresentam maior variedade. O A. estuda depois o material, a forma e o tamanho dessas vedações, as suas entradas, que divide em duas espécies (permanentes e temporárias), o sistema de dobradiças e o de fechaduras, atendendo em especial à forma e ao material. O artigo é ilustrado com muitos desenhos explicativos.

(1) Ver também a recensão de J. PIEL na *R. P. F.*, vol. vi, 1953-55, pp. 360-361.

11. AUGUSTO CÉSAR PIRES DE LIMA, *O ouro nas tradições de Portugal*, pp. 187-198 — Tratando deste assunto, o A. foca sucessivamente os seguintes aspectos: o uso do ouro desde a infância nas procissões, romarias e até mesmo na vida quotidiana, sua importância como receita económica, o ouro no folclore, comparações e outras imagens tiradas das quadras e romances populares, o ouro na medicina popular e o seu uso pela literatura, quer popular, quer erudita, nas figurações religiosas do céu e do paraíso.

12. LUÍS CHAVES, *A louça*, pp. 199-206 — Depois de dar o sentido popular da palavra *louça*, a etimologia de *oleiro*, a importância da louça na toponímia das cidades, e os nomes dos diferentes móveis caseiros em que ela se guarda, o A. mostra o sucessivo alargamento de sentido da palavra, que, de nome do vasilhame de barro, abrangeu, de extensão em extensão, «todas as peças que, sem serem de barro, competiam com as deste material, e tinham utilidade com vantagem para determinados serviços»: louça de vidro, de estanho, de lata, de arame, de cobre, de ferro, de madeira, de cortiça, e até a colecção de chocalhos e campainhas do gado (Alentejo). No fim dá algumas expressões vulgares relacionadas com a louça e, em nota, algumas quadras populares.

13. W. BIERHENKE, *Agavefasern und ihre Verarbeitung in Algarve*, pp. 207-230. — Técnica da utilização das fibras de piteira (*Agave americana* L.), no sul de Portugal e em Espanha, para fazer cordas, cintas, redes de pescadores, cestos, alpercatas e outros objectos. (P. B.).

14. LUÍS DA SILVA RIBEIRO, *Contribuições à etnografia açoreana*, pp. 231-243 — Divide-se o artigo em duas partes: *os moinhos de mão na Ilha Terceira*, e *a fiação na Ilha Terceira*. Na primeira o A. fala-nos da origem do moinho manual que vem dos tempos pré e proto-históricos, descreve-nos os modelos usados na Madeira e na Ilha Terceira e dá como causa da sua persistência nas ilhas um facto de ordem histórica, pois sendo a moagem monopólio exclusivo dos donatários, o povo multiplica os moinhos manuais para fugir a ele; finalmente dá-nos os nomes das partes do moinho. Na segunda parte, traça um sucinto esboço histórico da indústria e descreve-nos os aparelhos de fiar usados, como a *roca*, o *fuso*, o *sarilho*, a *dobadoira* e a *roda de fiar lã*, dando-nos os nomes de cada uma das partes que os compõem. O artigo é ilustrado por alguns desenhos.

15. GUILLERMO ALFREDO TERRERA, *Folklore de los actos religiosos en la Argentina*, pp. 245-293 — Depois de salientar a importância da fusão da cultura aborígene, com a cultura católica espanhola, em especial no campo religioso, o A. aponta as origens de certas manifestações folclóricas mais ou menos pagãs por ocasião de festas religiosas. Entre essas manifestações, descreve: as missas, casamentos, baptizados, procissões, enterros, velada fúnebre de anjinhos (crianças de tenra idade), rogos e promessas, novenas, celebrações (que consistem em festejar um acontecimento católico, como o Natal, os Reis, etc.), exorcismos, encontros de compadres, devoção e erecção de cruzes (às pessoas que morrem fora de casa, em

pleno campo), tirar almas do purgatório, a comida às almas, *depenadores* (homens que matam os doentes sem esperança de cura), o primeiro corte do cabelo às crianças, o *misachico* (espécie de procissão), oferendas, fogueiras, a devoção e o alumiar das almas e, finalmente, a variedade de imagens populares provenientes destas práticas. O artigo termina por uma extensa bibliografia.

16. JUAN ALFONSO CARRIZO, *El tema del labrador de amor y la mala cosecha*, pp. 295-301 — A poesia tradicional argentina, como a dos outros países sul-americanos de colonização espanhola, conserva não só as formas, mas ainda muitos temas da poesia espanhola dos sécs. xv e xvi. Depois de apontar alguns desses temas, o A. estuda a vitalidade actual do tema do lavrador de amor e da má colheita, já tratado em 1582 por Luís Gálvez de Montalvo.

17. BERTA ELENA VIDAL DE BATTINI, *El léxico de los buscadores de oro de la Carolina, San Luis*, pp. 303-333 — Após um pequeno esboço histórico-geográfico desta região mineira, a A. estuda o vocabulário respeitante ao minério do ouro, fases e operações da sua extracção, instrumentos usados, etc., atendendo sobretudo à semântica, à etimologia e à fonética. Faz o seu estudo baseada no conhecimento do meio e dos objectos, de que apresenta bastantes desenhos e fotografias.

18. A. DORNHEIM, *La alfarería criolla en los Algarrobos (Provincia de Córdoba)*, pp. 335-364 — O A. sublinha o estado arcaico de grande parte da provincia argentina de Córdoba, em especial da aldeia de Algarrobos, dadas as suas condições geográficas. Estuda em particular a indústria da olaria, muito antiga, mas hoje em decadência. Através da descrição dos materiais, utensílios e manufactura propriamente dita, estuda o vocabulário, na sua etimologia e semântica. Acentua que as duas características desta indústria (que considera indígena), a modelação manual e a cozedura ao ar livre, permitem relacioná-la com as suas congêneres de alguns países mediterrânicos. Finalmente descreve os objectos fabricados, dando-nos os seus nomes. O artigo termina com algumas fotografias e com uma extensa bibliografia.

19. RODOLFO OROZ, *La carreta chilena sureña*, pp. 365-397 — O A. considera principalmente dois tipos de carros, o antigo, de que traça uma rápida história, aludindo à sua projecção na literatura, e o moderno, cuja maior inovação é a roda de raios. Distingue nele três grandes partes: o varal com o piso, o eixo com as rodas, e os fueiros ou grades para sustentar a carga. Descreve-as minuciosamente, dando-nos os nomes das peças que as compõem, com a transcrição fonética, distribuição geográfica, origem e evolução semântica, etc. O artigo é ilustrado com muitas fotografias e desenhos e apresenta abundante bibliografia.

20. Y. PINO SAAVEDRA, *Tres versiones chilenas de la Princesa Mona o Rana*, pp. 399-407 — O A. apresenta três versões de um mesmo conto, o da Princesa Macaca (ou Rã), e dá-nos algumas notas comparativas.

21. ERHARD LÖMMATZCH, *Cervantes und sein Don Quijote*.

pp. 409-429. — Artigo de síntese, que constituiu a última lição do A. na Universidade de Francforte.

Depois de alguns traços sobre a vida de Cervantes (sua formação humanística, viagem a Itália, etc), E. L. aponta as quatro características que, em seu entender, explicam a espantosa divulgação de *Don Quixote* em todo o mundo e a sua perene juventude: 1) o ser um livro humanístico, 2) bem espanhol pelo seu significado histórico e social, mas também 3) profundamente humano pela imagem que apresenta da vida e da actividade do homem, e ainda 4) por ser uma bíblia da sabedoria, dado o grande número de conceitos e regras de viver que nele se apresentam. (P. B.).

22. RAFAEL BENÍTEZ CLAROS, *Notas a la tragédia neoclásica española*, pp. 431-464. — O A. trata os seguintes aspectos: a tragédia e as lutas literárias do séc. XVIII; a obra de Nicolás Fernández de Moratín e de José Cadalso e sua importância; a tragédia nacionalizada, exemplificada com *Raquel* de García de la Huerta; a decadência do género no final do século e o caminho para o Romantismo; a tragédia humorística.

\*

O volume II contém os seguintes artigos:

1. ROLF OLBRICH, «*Antiguo*» y «*reviejo*» en la comparación popular romance, pp. 1-18. — O A., a quem a morte não deixou já acabar este artigo, que é póstumo, estuda aqui uma série de expressões usadas em todos os países da România para exprimir o conceito de «velhice» ou «antiguidade», com base numa comparação. Apresenta-nos comparações, por vezes comuns a todo o domínio românico, em que se tomam para termo de comparação personagens do Antigo Testamento (Adão, Matusalém, Jacob, etc.), santos, personagens lendárias ou imaginárias, aspectos da natureza, a terra e seus acidentes, bosques, estradas e caminhos, certos edifícios (*velho como a Sé de Braga*, para o português), as pessoas mais velhas da família, em especial os avós, funções fisiológicas, certas doenças da pele, como a sarna, etc.

2. OLAF DEUTSCHMANN, *Der Gebrouch von Bezeichnungen für "Haufen" zum Ausdruck der Unbestimmten Grossen Menge ("viel") und zur Steigerung ("viel", "sehr") im Romanischen: (Marken) 'na mucchia de surci' — è bella 'na mucchia'*, pp. 10-75. — Nesta parte da sua extensa dissertação, que já recenseei na *R. P. F.*, VII, 492, o A. ocupa-se da expressão de grande quantidade indeterminada nas línguas românicas. (P. B.).

3. WILHELM GIESE, *Die Namen der Wochentage und Monate im Albanischen*, pp. 59-69. — «Os nomes dos dias da semana e dos meses em albanês», em confronto com várias outras línguas românicas e não românicas (alemão, basco, turco, esloveno, checo, etc.). (P. B.).

4. E. FRH. v. RICHTHOFEN, *Il trattato di Dante alla luce della geo-*

*grafia linguística moderna*, pp. 71-84 — O A. começa por acentuar as dificuldades apresentadas ao estudioso pelo tratado de Dante, *De vulgari eloquentia*, que contém uma exposição minuciosa do estado linguístico da Itália no princípio do séc. XIV. Depois passa em revista as opiniões do grande poeta, especialmente em relação a certos traços particulares dos dialectos italianos e conclui que é possível fazê-lo concordar, sem grande dificuldade, com os resultados da moderna geografia linguística. O estudo vem acompanhado de um mapa.

5. W. THEODOR ELWERT, *Per una valutazione stilistica dell'elemento provenzale nel linguaggio della scuola poetica siciliana*, pp. 85-112. — Contrariamente a Gaspary e a G. Baer, o A. acentua a influência da poesia provençal na escola poética da Sicília. Essa influência prova-se, segundo ele, pelo grande uso, pelos poetas sicilianos, dos sufixos pseudo-provençais *-anza*, *-enza*, *-mento* e *-aggio*, na formação de palavras; além disso, mantiveram fonemas (em palavras com um equivalente italiano), formas flexivas, construções sintácticas, locuções e palavras compostas segundo o tipo provençal. Finalmente dá muitos e variados exemplos destes factos, explicando-os e interpretando-os.

6. FRIEDRICH SCHÜRR, *Alkzent und Synkope in der Gallorromania*, pp. 113-128. — Depois de passar em revista alguns topónimos e nomes comuns de acentuação proparoxítone, como *Tricasses > Troyes*, *Isara > Oise*, *Lúpara > Louvres*, *pallidu > pale*, *fecatu < foie*, o A. considera «verosímil» a conhecida (e discutida) teoria de Wartburg acerca da «influência do acento da população franca na evolução da língua francesa».

O outro problema de que se ocupa Schürr é o da natureza do acento latino na fase pré-histórica, histórica e posterior. Analisando os fenómenos de síncope do latim vulgar, chega à conclusão de que «o acento expiratório do latim arcaico nunca desapareceu inteiramente da linguagem popular, e só na linguagem das classes superiores teve a concorrência de outra forma de acentuação ou foi por ela substituído». Para a manutenção de alguns proparoxítonos contribui, por um lado, a acentuação de palavras gregas e, por outro (em particular na Itália setentrional e na Récia), o substrato gálico.

Conclui Schürr o seu artigo confirmando o ponto de vista de Wartburg, segundo o qual «a romanização da Gália, e especialmente da Gália Lugdunensis, ao contrário da Província, romanizada mais cedo, foi em larga medida obra das escolas romanas e que, por conseguinte, o latim escolar teve de lutar com um tipo linguístico diferentemente acentuado.» (P. B.).

7. G. ROLHFS, *Un type archaïque de futur et de conditionnel en Haute-Bigorre (Gascogne)*, pp. 129-134 — O A. estuda estes dois tempos do sistema verbal de Haute-Bigorre, nas suas particularidades morfológicas e etimológicas, bem como as suas funções e o seu valor.

8. R. VIOLANT I SIMORRA, *El nons, les habits, les funcions biológicas i les maletties de les ovelles, al Pallars Sobirà*, pp. 135-152 — Neste artigo, a que o A. dá o subtítulo de *Notas linguístico-folclóricas*, encon-

tramos uma descrição do pastoreio e suas actividades afins, nesta região da Catalunha, através da qual nos são fornecidos os nomes e as explicações mais importantes acerca dos nomes dados aos animais, seus hábitos e funções biológicas, suas doenças e remédios a elas aplicados. No fim vem uma pequena bibliografia.

9. V. GARCÍA DE DIEGO, *Los fallos de la etimología moderna*, pp. 153-156 — O A. frisa que, apesar do desenvolvimento da geografia linguística, em especial na França e Itália, a etimologia precisa de alguma coisa mais: atlas verbais em que a cada palavra original latina ou germânica correspondessem as variantes ou derivados essenciais. Sublinha depois o papel simultaneamente impulsionador e retardador da fonética no campo da etimologia, exemplificando com o tratamento fonético da vogal inicial silábica nas línguas românicas.

10. R. WILMES, *Contribución a la terminología de la fauna y la flora pirenaica: valle de Vió (Aragón)*, pp. 157-192 — O assunto do artigo resume-se nestas palavras iniciais do A.: «No presentaremos nuestros datos a modo de una simple enumeración, sino en forma de un cuadro comparativo, por lo menos dentro de los Pirineos, esperando que así nuestra exposición (...) resultará más cómoda para trabajos posteriores de mayor envergadura.» Fornece depois extensa bibliografia e agrupa os nomes sob as seguintes rubricas: aves, insectos e mamíferos, plantas, árvores, e árvores e arbustos frutíferos.

11. A. M. BADIA MARGARIT, *Sobre los extranjerismos léxicos en el aragonés de Juan Fernández de Heredia*, pp. 193-197 — O A. faz um pequeno estudo sobre os estrangeirismos na obra de Juan Fernández de Heredia, escritor aragonês do séc. XIV. Para ele, muitos, se não todos, desses estrangeirismos, já assinalados em 1927 por José Vives, só o são indirectamente, visto que resultam de palavras catalãs. Estuda alguns desses vocábulos, para cuja interpretação histórico-etimológica recorre apenas ao catalão.

12. M. GARCÍA BLANCO, *San Morales y la Flecha. Contribución a la toponimia salmantina*, pp. 199-207 — Estudo de toponímia acerca de dois lugares da província e diocese de Salamanca, o segundo dos quais já aparece em Fr. Luís de León.

13. DÁMASO ALONSO, *Gallego-asturiano "engalar", 'volar'. Casos y resultados de velarización de -n- en el dominio gallego*, pp. 209-215 — O A. estuda a forma galego-asturiana *engalar* que significa 'voar' e fá-lo derivar de \*EN + ALARE. O *g* ter-se-ia desenvolvido por um fenómeno paralelo ao que se verifica no português *fogueiro* (< lat. FUNARIU); o *n* pronunciava-se como final, isto é, velar e, nestas condições, era muito fácil o desenvolvimeno do *g*.

14. GERHARD MOLDENHAUER, *Aportaciones al estudio lingüístico de los helenismos españoles, especialmente de la terminología médica*, pp. 217-246 — O A. começa por salientar a importância dos neologismos, que, na sua maior parte, são tecnicismos e faz notar que a grande maioria dos cultismos científicos e industriais europeus e americanos é composta

por elementos gregos. Restringindo-se ao espanhol, faz algumas críticas a dicionários de helenismos e algumas reflexões sobre a sua formação, significado, grafia e acentuação, em especial dos helenismos terminados em *-ón*. Finalmente, estuda alguns compostos, sobretudo do vocabulário médico.

15. JOSEPH M. PIEL, *Nombres visigodos de propietarios en la toponimia gallega*, pp. 247-268 — Depois de se referir ao grande número de topónimos provenientes do germânico, assunto esse já tratado por Sachs, que não o esgotou, o A. recorda que a maioria desses topónimos germano-hispânicos surgiram no decorrer da reconquista e repovoamento das terras do NW, abandonadas, ou na posse dos árabes e que os nomes góticos não desapareceram com a língua, mas sobreviveram ao reino visigótico, ou renasceram; pode ainda suspeitar-se com fundamento que esta adesão à antiga nomenclatura não dependia de factos casuais, mas estava relacionada com o robustecimento do sentido de nacionalidade hispânica na célula asturiana, originária do novo estado dependente da tradição gótico-cristã do antigo reino de Toledo. Estuda depois 158 nomes, alguns dos quais comuns a Portugal, na sua etimologia e evolução fonética e histórica (1).

16. MAX L. WAGNER, *Calcos lingüísticos en el habla de los sefarditas de Levante*, pp. 269-281 — O A. estuda rapidamente alguns aspectos da língua dos judeus espanhóis da Península Balcânica e do Mediterrâneo oriental. Oriundos de Espanha, conservaram a língua espanhola com as características que tinha nos sécs. XIV e XV, mas com o decorrer do tempo e sob a influência dum meio lingüístico totalmente distinto, os judeus esqueceram muitos termos da língua materna, substituíram-nos por palavras turcas, ou usaram ao mesmo tempo palavras turcas e espanholas; a estas razões há a acrescentar outras de ordem social, política, e económica. Depois passa em revista certo número de expressões e vocábulos, tendo em vista o judeu-espanhol e as outras línguas que nele influíram.

17. RUDOLF RÜBECAMP, *Satzphonetische Erscheinungen aus den Cantigas de Santa Maria von Alfons dem Weisen*, pp. 283-303. — O A., que já havia publicado, em português, no *Boletim de Filologia*, tomos I e II, 1932-34, uma parte da sua dissertação de licenciatura sobre *A linguagem das "Cantigas de Santa Maria" de Afonso X, o Sábio*, estuda alguns factos de fonética sintáctica desta obra — «de especial valor para o nosso conhecimento do galego dos séculos 12 e 13» —, designadamente o hiato e a elisão nas suas diferentes modalidades: manutenção do hiato, por influência da medida do verso ou para evitar obscuridades; supressão do hiato por meio da elisão, no caso de serem diferentes as vogais (p. ex. *aquel'ora*) ou iguais (p. ex. *noss'auogada*).

(1) Ver também o registo bibliográfico feito na *R. P. F.*, VII, 1956, p. 507.

Num último parágrafo occupa-se de casos especiais devidos à próclise, p. ex. *a' cas'* do rico, *fi*[filho] de Rey, *gran* miragre, etc. (1) (P. B.).

18. R. S. BOGGS, *Phonetics of words borrowed from English by New Mexican Spanish*, pp. 305-312. — Na parte N. do Novo México fala-se ainda o espanhol, mas muitas palavras foram importadas do inglês; apesar disso, os sons modelos permanecem fundamentalmente espanhóis e uma análise fonética mostra que a forte tradição da pronúncia espanhola modificou os aspectos fonéticos destas palavras estrangeiras, para as tornar conformes com os seus modelos de pronúncia. O A. examina em pormenor quais as modificações que se verificaram e divide o seu estudo nos seguintes capítulos: vogais, semi-consoantes e semi-vogais, consoantes, e sufixos verbais.

19. BERTA ELENA VIDAL DE BATTINI, *Un término geográfico: "guadal"*, pp. 313-318. — A A. faz a história da palavra *guadal* (<*bua-dal*, que por sua vez provém do espanhol *buhedal*, de *buhedo*), estabelece a sua etimologia e a sua evolução semântica, desde o sentido de 'pântano', até ao actual de 'terreno areento ou barrento, mas seco'.

20. BRUNO SCHIER, *Von den mittelalterlichen Anfängen der weiblichen Kopftracht*, pp. 319-338. — O A. estuda, principalmente em relação ao domínio germânico, os «começos medievais da cobertura da cabeça das mulheres». O artigo consta de dois parágrafos: o enfeite dos cabelos e a grinalda («Schappel») e o *Gebende* e o véu. (O *Gebende* era uma fita para segurar os cabelos à cabeça e que veio a transformar-se numa espécie de touca; esta só era usada pelas mulheres casadas, ao passo que a grinalda era o símbolo da rapariga solteira). (P. B.).

21. ROBERT WILDHABER, *"Die Gänse beschlagen"*, pp. 339-356. — Estudo pormenorizado, de carácter folclórico, e acompanhado de abundante bibliografia, sobre a origem da expressão *Die Gänse beschlagen* (literalmente 'matar os gansos', com o sentido de 'fazer coisas inúteis') e que tem representantes em várias línguas, designadamente em francês, *ferrer les oyes* e, em italiano, *ferrare le oche*. Em português, que eu saiba, a ideia que lhe corresponde é a de *encanar a perna à rã* (ou à *perua*), que o A. não menciona.

Segundo pensa Wildhaber, a expressão "matar os gansos" deve ter tido o seu ponto de partida na região francesa-céltica.

O A. estuda ainda o papel do ganso na língua, literatura, folclore e mitologia de vários povos, antigos e modernos. (P. B.).

22. RAFFAELE CORSO, *Il rito della covata in un racconto popolare*

(1) Sobre a elisão na poesia medieval, vejam-se os trabalhos recentes de CELSO FERREIRA DA CUNHA, *A margem da poética trovadoresca*. Rio de Janeiro, 1950. (Cf. a recensão de Paiva Boléo na *R. P. F.*, VI, pp. 518-519); SOUSA DA SILVEIRA, *Fonética sintáctica e sua utilização na explicação de expressões feitas e na interpretação de textos*. Rio de Janeiro, 1952; GEORGES LOTTE, *Histoire du vers français*, vol. III, 1955.

*della Corsica*, pp. 357-367 — O A. relaciona um conto popular da Córsega com a lenda mitológica do nascimento de Minerva, segundo a qual Júpiter, preavisado pelo destino que sua mulher daria à luz uma filha superior à mãe em beleza e um filho superior ao pai em poder, se decide a comer a consorte, fazendo com que a gestação se desse nele próprio, e dando à luz Minerva. O artigo é ilustrado com gravuras alusivas a esse facto mitológico.

23. MANUEL MENÉNDEZ GARCÍA, *El maíz y su terminología en Asturias*, pp. 369-402 — O A. faz uma pequena história da cultura do milho, a partir da sua introdução em Espanha, trazido da América nos primeiros anos do séc. xvii e, em seguida, trata dos seguintes aspectos da sua cultura: preparação da terra, sementeira, sacha, o milho no tempo do calor, doenças do milho, colheita, desfolhada, confecção das réstias, debulha das espigas, e o milho na alimentação humana. Dentro de cada uma destas rubricas, dá-nos a descrição das operações e utensílios, e o seu vocabulário, acompanhado da distribuição geográfica (¹).

24. FERMÍN BOUZA BREY, *Os cesteiros galegos de Mondariz e a su fala gremial*, pp. 403-435 — Começa o A. por dar-nos a situação de Mondariz e de documentar a antiga existência da indústria dos cestos, através de cantigas populares e outras manifestações folclóricas. Depois descreve e estuda cada um dos utensílios de que se serve o cesteiro no seu trabalho, bem como as sucessivas operações desta indústria. Por fim apresenta um longo vocabulário, formado de palavras tiradas da fala gremial dos cesteiros. Ilustram o artigo algumas fotografias e desenhos.

25. JORGE DIAS, *Tretanken und Wasseranken in Portugal*, pp. 437-456. — «O *pio* (em alemão «Anke») — escreve Jorge Dias — é uma espécie de almofariz ou pilão, que serve em geral para debulhar ou descascar arroz, cevada, milho alvo e outros cereais».

O aparelho existe nos mais variados países da Europa e, sobretudo, da Ásia, onde se conhecem dois tipos: um accionado pela força humana («Tretanke») e outro movido pela água («Wasseranke»). Segundo pensa Wildhaber, é entre as populações eslavas que ele principalmente se encontra.

Embora não seja mencionado por vários etnógrafos que se têm ocupado de assuntos portugueses, o *pio* existe também em Portugal, como o mostra o A. deste artigo. O seu progressivo desaparecimento será devido à propagação da cultura do milho, especialmente do milho miúdo, ou *pamço* que, segundo Lautensach, deve ser o cereal de cultura mais antiga em Portugal (²).

(¹) Ver também a nota bibliográfica de Marilina Luz na *R. P. F.*, vi, 1956, p. 518.

(²) Observarei a propósito, que J. D., na versão portuguesa do seu artigo, adiante citada, ora traduz o alemão *Hirse* por *milho alvo* ora por *milho miúdo*, o que não deixa de causar certa confusão, visto tratar-se de espécies muito diferentes: o *milho alvo* é maior que o milho vulgar, ao passo que o *milho miúdo* é mais pequeno.

Este deve ter vindo da Ásia, através da Europa oriental e central para a Europa ocidental.

A propósito dos vários tipos de mangual, usados entre nós segundo os cereais, faz J. D. uma observação de carácter metodológico, que julgo oportuno salientar: «Este exemplo, como muitos outros — escreve ele — tornam evidente a necessidade de investigar os problemas por vários ângulos, para não se cair na tendência de alguns etnólogos de encarar o mundo só pelo aspecto histórico-cultural, deixando de lado os condicionalismos naturais», ou seja, no caso sujeito, a função dos objectos.

Uma tradução, e em parte adaptação, com o acrescento de um ou outra nota, do original alemão deste artigo foi publicada, em português, nos *Trabalhos de Antropologia e Etnografia*, fasc. 3-4, vol. XII, fasc. 3-4, com o título de *O pio de piar os milhos. Instrumento de origem ocidental na Serra da Padrela*. (Ha separata: Porto, 1949, 26 pp., de que fiz um breve registo na *R. P. F.*, vol. III, 1949-50, p. 413). (P. B.).

26. JÚLIO CARO BAROJA, *El sociocentrismo de los pueblos españoles*, pp. 457-485 — O A. determina o conceito de sociedade e, dentro das várias sociedades a que o indivíduo pertence, qual a mais importante para ele, estudando rapidamente cada uma delas. Analisa a seguir as manifestações de simpatia de cada um pela comunidade social a que pertence, bem como a sua animadversão pelas outras, através das manifestações folclóricas.

27. HELLMUTH HOPFNER, *Salamanca*, pp. 487-518 — Estudo sobre o carácter e desenvolvimento desta antiga cidade universitária, em que o A. vai focando sucessivamente os seguintes aspectos: situação da cidade, a cabeça urbana e a campina de Salamanca, a formação da cidade e seu desenvolvimento histórico e arquitectónico, o seu significado cultural, seu desenvolvimento económico, e sua transformação moderna.

28. ATILIO ANASTASI, *El riego rural en Mendoza*, pp. 510-534 — Estudo sobre o sistema hidráulico de rega na província de Mendoza (Argentina), através de cuja descrição o A. nos apresenta o vocabulário que se lhe refere, focando as seguintes fases ou operações: fontes de provisão, meios de retenção e desvio das correntes, canais de distribuição, bocas de habilitação, modos de divisão das águas, e o trabalho, seus executantes e ferramentas. O artigo vem acompanhado de bibliografia e de alguns desenhos.

29. WILHELM PESSLER, *Witz und Humor als Ausdruck echter Humanität*, pp. 535-545. — Artigo ao mesmo tempo espirituoso e profundo sobre «a anedota e o humor como expressão de autêntica humanidade, na vida e na poesia dos povos civilizados». São várias as definições que o A. dá de «Witz», humor e cómico. Entre outras, salientarei as duas seguintes: «Life is a comedy to those who think, a tragedy to those who feel» (um filósofo inglês). — «Humor ist Herzengüte, Lebensliebe und Heiterkeit, wurzelnd in einer grossen Weltanschauung» (Karl Strecker). (P. B.).

30. FRITZ NEUBERT, *À propos des débuts des relations culturelles entre la France et l'Allemagne*, pp. 547-574 — Apesar das profundas dissensões políticas e militares que através da história têm dividido os

dois países, o A. reconhece e sublinha as suas dívidas recíprocas, no campo cultural. Faz um breve resumo histórico-cultural das relações entre a França e a Alemanha, tomando como ponto de partida a divisão do império franco pelo tratado de Verdun. Passa depois às influências mútuas de carácter literário, em especial, aos traços germânicos na epopeia francesa, particularmente na *Chanson de Roland*, e à presença da poesia cortês da Provença na lírica alemã, sobretudo em Walther von der Vogelweide.

31. KURT WAIS, *Traduction, adaptation et transposition poétique*, pp. 575-589 — O A. começa por tratar das traduções de poetas em geral, das suas dificuldades e das várias espécies de traduções, e em seguida faz algumas observações críticas às traduções de obras de Stéphane Mallarmé, feitas por F. Usinger, R. von Schaukal e R. Netzer.

32. RAFAEL LAPESA, *Sobre el "Auto de los Reyes Magos", sus rimas anómalas y el posible origen de su autor*, pp. 591-599 — Perante as rimas anormais apresentadas por esta obra medieval, o A. explica essa anormalidade como um resultado da existência de um fundo linguístico estranho, ou mais provavelmente do uso dum romance espanhol arabizado: «De todos modos su autor se esforzó por escribirlo en la lengua más general a la heterogénea población toledana de entonces: castellano con fuertes residuos mozárabes o mozárabe fuertemente castellanizado.»

33. RAFAEL DE BALBÍN, *Notas sobre el teatro menor de Moreto*, pp. 601-612 — O artigo começa pela lista bibliográfica das obras menores de Agustín Moreto, que atingem o número de 34. Depois o A. estuda sucessivamente os temas, que em geral são de carácter cómico e popular, a construção dramática, a métrica e o sentido dramático da obra.

34. SOPHIE WEILAND, *Die Naturschilderung in dem Roman "A Selva" von Ferreira de Castro*, pp. 613-622. — A Autora, que já havia mostrado o seu interesse pelos assuntos portugueses na sua obra *Portugiesisches Volkstum im Spiegel der portugiesischen Erzählliteratur* (Hamburger Studien, vol. 37, Hamburg, 1945, 322 pp.), ocupa-se neste artigo da «Descrição da natureza no romance *A selva* de Ferreira de Castro», considerando em separado: 1. O bosque e seus animais; 2. As águas e seus animais; 3. Impressões ópticas; 4. Impressões acústicas; 5. Acontecimentos da natureza: a) inundações; b) maré vazia; c) tempestades; 6. Relações da selva com o homem. (P. B.).

35. ALFREDO DORNHEIM, *Die Gaucholiteratur Argentiniens*, pp. 623-650. — «A literatura gaúcha da Argentina: sua história e interpretação». O artigo abrange os seguintes parágrafos: 1. Uma imagem alemã do gaúcho de há 100 anos. 2. Bibliografia do gaúcho. 3. Os *Diálogos* (1820) de Bartolomé José Hidalgo como forma primitiva de poesia europeia. 4. A obra *Santos Vega* (1850-1872) de Hilario Ascasubi e o seu paralelo alemão "Hermann e Dorothea". 5. O *Fausto* (1866) de Estanislao del Campo ou a «alma não fáustica» da América do sul. 6. *Martín Fierro* (1872-1878) de José Hernández, *Räuber* de Karl Moor e o classicismo argen-

tino. 7. A imagem argentina do gaúcho do nosso tempo: do «Gaúcho» ao «Crioulo» ou o mito do argentinismo (¹).

36. ADELINA VIDAL DE KAUL e GUILLERMO KAUL, *Jorge Guillén*, pp. 651-657 — Os Autores reúnem algumas notas para uma interpretação estilística da obra do poeta, focando os seguintes aspectos: intuição essencial do cosmos, o tempo e o espaço, estatismo e movimento, e o seu uso da palavra.

37. DANIEL GĂZDARU, *Epistolario inédito de 1878 sobre una nueva edición de la Gramática de Friedrich Diez*, pp. 659-683 — Publicação de algumas cartas que nos informam sobre o decorrer da discussão havida entre os principais colaboradores da edição póstuma (em 1882) da *Grammatik der romanischen Sprachen* de F. Diez, sobre a maneira como devia efectuar-se o trabalho comum e a quem seria confiada cada uma das línguas românicas. As cartas são de G. I. Ascoli, Julius Flittner, Wendelin Foerster, Adolfo Mussafia e Gaston Paris.

38. ALBIN EDUARD BEAU, *Ein unbekannter Brief von Antonio de Araújo (Conde de Barca) an Alexander von Humboldt im Besitz Goethes*, pp. 685-690. — «Uma carta desconhecida de António de Araújo de Azevedo (Conde da Barca) (1754-1817) a Alexandre Humboldt na posse de Goethe».

Coimbra

ANÍBAL PINTO DE CASTRO

---

(¹) Sobre o gaúcho veja-se também a bibliografia indicada na *R. P. F.*, VII, p. 503.